

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

JAQUELINE SOUZA SAMPAIO DE OLIVEIRA

**“MENINOS DO MANGUE” DE ROGER MELLO:  
AS INTERAÇÕES DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS E VERBAIS -  
IDENTIDADE E ESPAÇO**

**CURITIBA**

**2016**

**JAQUELINE SOUZA SAMPAIO DE OLIVEIRA**

**“MENINOS DO MANGUE” DE ROGER MELLO:  
AS INTERAÇÕES DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS E VERBAIS -  
IDENTIDADE E ESPAÇO**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Dra. Carolina Fernandes da Silva Mandaji

**CURITIBA**

**2016**

JAUQUELINE SOUZA SAMPAIO DE OLIVEIRA

“MENINOS DO MANGUE” DE ROGER MELLO:  
AS INTERAÇÕES DAS LINGUAGENS ICONOGRÁFICAS E VERBAIS -  
IDENTIDADE E ESPAÇO

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 16 de dezembro de 2016.

---

Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva Mandaji - UTFPR  
Orientadora

---

Profa. Dra. Maurini de Souza – UTFPR  
Avaliadora

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima – UTFPR  
Avaliador

A Roger Mello,  
que me faz transcender os espaços literários.

À professora Carol,  
por aceitar voar comigo.

Imagem e palavra não se dissociam

Roger Mello, *Traço e prosa*, 2012.

## RESUMO

OLIVEIRA, Jaqueline Souza Sampaio de. "Meninos do Mangue" de Roger Mello: as interações das linguagens iconográficas e verbais - identidade e espaço. 2016. 36 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Esta monografia aborda as convergências da linguagem verbal e iconográfica na obra *Meninos do Mangue*, publicado em 2001, do escritor e ilustrador Roger Mello. A fundamentação teórica pauta-se em autores que estudam as novas configurações de linguagem utilizadas na literatura como Maria Zilda Cunha (2007 e 2010) e Lucia Santaella (2001 e 2008), particularmente a Infantojuvenil e os livros-ilustrados teorizados por Nikolajeva e Scott (2011), Lucia Pimentel Góes (2003) e Sophie Van der Linden (2011). Objetiva-se a análise do fio condutor da narrativa, composta de histórias de encaixe e mescla de gêneros literários, convergentes ao cenário do mangue. A análise aponta como a categoria do espaço literário, ampliada conceitualmente pela convergência de linguagens, contribui para a percepção e configuração dos manguezais.

**Palavras-chave:** Literatura Infantojuvenil. Identidade. Convergência. Livro ilustrado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: MELLO, 2012:46-47 .....	14
Figura 2: MELLO, 2012: capa .....	18
Figura 3: MELLO, 2012:38-39 .....	19
Figura 4: MELLO, 2012:54 .....	23
Figura 5: MELLO 2012:55 .....	25
Figura 6: MELLO, 2012:2-3.....	27
Figura 7: MELLO, 2012:22 .....	28
Figura 8: MELLO, 2012: 58 .....	30

## SUMÁRIO

<b>1 QUANDO O ESPAÇO ULTRAPASSA FRONTEIRAS.....</b>	<b>9</b>
<b>2 MENINOS E MANGUE EM ROGER MELLO .....</b>	<b>12</b>
<b>3 O ESPAÇO ATRAVÉS DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS .....</b>	<b>16</b>
3.1 CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO/AMBIENTAÇÃO .....	17
3.2 O ESPAÇO COMO PAISAGEM E A CONFIGURAÇÃO DE IDENTIDADE .....	20
<b>4 AS CONVERGÊNCIAS EM <i>MENINOS DO MANGUE</i>.....</b>	<b>25</b>
<b>5 AS INTERAÇÕES DA LINGUAGEM ICONOGRÁFICA E VERBAL: ESPAÇO E IDENTIDADE .....</b>	<b>30</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34
APÊNDICE A.....	36



## 1 QUANDO O ESPAÇO ULTRAPASSA FRONTEIRAS

Desde a década de 1970, a literatura infantojuvenil tem aderido com mais ênfase aos livros ilustrados como recurso psicológico, pedagógico, estético e emocional da linguagem. Além de estimular o olhar como agente de percepção privilegiado, concretizando o desenvolvimento cognitivo e estimulando a imaginação, este gênero potencializa a abstração e o imaginário.

Na contemporaneidade, em que o mundo imagético, proporcionado pelas produções tecnológicas do audiovisual, é ponto de referência às novas gerações, a ilustração torna-se parte integrante da linguagem verbal com naturalidade. Não é mero complemento, mas promotora de articulação entre os elementos literários, tanto na prosa, como na poesia. Nesta interação apresenta-se uma linguagem híbrida. Em entrevistas concedidas e registradas no livro *Traço e Prosa*, doze ilustradores brasileiros ratificam este raciocínio, inclusive o próprio Roger Mello (2012: 201), objeto deste estudo:

Não vejo diferença entre a imagem e a palavra. Imagem e palavra não se dissociam. A minha relação com a imagem é verbal, como a minha relação com a palavra começa pela espacialização dessa palavra em si. Penso sempre numa imagem que conta alguma coisa. É uma busca da narrativa e é um exercício plástico. É sempre um exercício plástico-narrativo.

Roger Mello confirma que a descrição do cenário em que se inserem os personagens apresentados no texto literário é reforçada nas ilustrações que a demonstram e possibilitam melhor entendimento, ampliando o repertório da criança leitora. “Parecida com a caracterização, a ambientação demonstra muito bem a diferença entre diegese (contar) e mimese (mostrar). ” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011:85).

O espaço, como ponto de apoio de ação dos personagens, tem papel estético pois dá a verossimilhança necessária, proporcionando melhor entendimento na realidade em que se passam os conflitos. Nas narrativas, a função pragmática do espaço ajuda ainda na caracterização dos personagens e ambientes, e representada, tanto no verbal quanto no visual, serve de instrumento de desenvolvimento da ação.

O espaço na perspectiva da prosa, como elemento narrativo, e a ambientação, denominação do livro ilustrado e suas particularidades, ultrapassam as características

delimitadas pelas teorias literárias e, de forma híbrida, transcendem fronteiras conceituais para a multiplicidade das vozes reconfiguradas, conforme explanada por Calvino (2001).

Para comprovar estas percepções, este trabalho analisa palavra e imagem na obra escopo *Meninos do Mangue*, de Roger Mello (2012). Através de leituras teóricas sobre as funções do espaço nos livros-ilustrados, sugere-se as articulações entre ilustração e texto verbal que, recorrentes e reiteradas através do retrato de diferentes “casas” (moradia, habitat, espaço social do trabalho, do brincar, do viver e do conviver) desencadeiam transcendência na leitura no que se constitui a identidade do mangue.

De forma específica, além dos aspectos literários, procurou-se referendar os estudos contemporâneos sobre o espaço e ambientação nos livros-ilustrados infantojuvenis. É possível ainda a explicitação da realidade do espaço geográfico do manguezal como forma de reconhecimento identitário do ecossistema e dos laços, memórias e símbolos que resultam nas relações entre os sujeitos e os espaços de interação. Estas articulações demandam marcos históricos e geográficos, como memória, identidade territorial, práticas sociais, econômicas e culturais.

A intenção deste trabalho é a reflexão e ampliação do entendimento da materialidade do livro-ilustrado, conhecendo as possibilidades e intencionalidade das páginas e espaço, seu funcionamento interno e externo, bem como a interseção imagem e texto. Esta análise pode contribuir para a reflexão sobre a literatura Infantojuvenil enquanto representação e memória da história oficial, bem como incentivar o aprofundamento de estudos na área por mediadores de leitura – as pessoas que, normalmente, apresentam as obras infantojuvenis à escola e a seus leitores, como professores e bibliotecários.

O galês Peter Hunt, importante crítico literário Infantojuvenil, ratifica a necessidade de ampliação da crítica sobre esta área da literatura e cita Philip Pullman<sup>1</sup>: “A complexidade da interação entre significado da imagem e significado do texto (...) (e) o que essa interação possibilita é a maior descoberta da narração de histórias do século XX, ou seja, o contraponto”. Para HUNT, a leitura do livro-ilustrado não se limita à sequência linear, com grande potencial da forma, o que inclui o

---

<sup>1</sup> PULLMAN, Philip. *Invisible Pictures*, Signal, no. 60, set. 1989.

designer e a sua materialidade. Obviamente, analisar estas obras quanto às suas singularidades faz-nos sair das convenções daquilo que se configura como literatura.

Roger Mello é um ilustrador e escritor de grande incursão nas escolas, possuindo material publicado em diferentes instâncias de leitura, representando com qualidade nossa literatura Infantojuvenil e de reconhecimento de críticos, dentro e fora do país. Por ser contemporâneo e devido aos inúmeros prêmios conquistados, ele nos representa nacionalmente em nossa identidade, costumes, culturas e problemáticas sociais aqui presentes. Sobre suas obras, há trabalhos acadêmicos em estudo, além de artigos voltados à leitura de imagem (livros com narrativas imagéticas), além de teses sobre o texto sincrético. Para explorar o espaço literário e imagético utilizado nas obras em análise, foram elencados alguns teóricos que possam contribuir para as análises e reflexões necessárias aos objetivos gerais e específicos deste trabalho. Sobre o espaço explorado pela leitura de imagens poéticas geradas pela imaginação, optou-se pelo compilamento teórico de Brandão (2013) e incorporação de algumas etapas de análise da literatura infantil e juvenil propostas por Nelly Novaes Coelho (2000). Fundamentaram estas análises também autores que estudam as novas configurações de linguagem utilizadas na literatura, Maria Zilda Cunha (2007 e 2010) e Lucia Santaella (2001 e 2008), particularmente a Infantojuvenil e os livros-ilustrados teorizados por Nikolajeva e Scott (2011), Lucia Pimentel Góes (2003) e Sophie Van der Linden (2011).

Conhecer qual espaço é apresentado na obra de Mello e como a função representada pelas suas escolhas contribuem para o estranhamento e conseqüente amadurecimento metafórico nos leitores, torna-se imprescindível. Mais que o enredo e as técnicas, a arte literária de Roger Mello tem papel de denúncia e entendimento, mas também de memória e reflexão, mote para a ação em decorrência daquilo que nos dá a ver.

A análise do nível da espacialidade presente na obra comprova como imagem e verbo entrecruzam o dimensional e o não-dimensional literário para transcender delimitações terminológicas: o mangue é a ambientação reconhecida que se escancara e se encerra. Ele gera articulações de identidade social em sentimento de pertença em níveis de leitura e escrita, de imagem representativa e imagética.

## 2 MENINOS E MANGUE EM ROGER MELLO

Primeiro ilustrador da América Latina a receber o Prêmio Hans Christian Andersen 2014, considerado o Nobel da Literatura Infantil por críticos mundiais e ratificado pela IBBY<sup>2</sup>, o brasileiro Roger Mello já havia sido indicado duas vezes. Artista plástico, dramaturgo e designer, o escritor e ilustrador tem conquistado diversos prêmios literários pela relevância de suas produções. Em 2002, *Meninos do Mangue*, publicado em 2001, foi o destaque nos concursos literários, recebendo, da Câmara Brasileira do Livro, dois Jabuti (de Melhor Ilustração e de Melhor Livro Juvenil) e, da Fondation Espace Enfants (FEE), Suíça, o Grande Prêmio Internacional por *Carvoeirinhos* (2009), finalista do Prêmio Jabuti em 2010, em que referenda novamente o trabalho infantil.

Sabendo da conotação simbólica proporcionada pelo estudo do espaço nas obras literárias, é necessário identificar como acontece a transcendência do enredo e a sensibilização do leitor. O espaço influencia a ação dos personagens e pode refletir a realidade da atuação humana: o cenário retratado na obra analisada, manguezal, enquanto ecossistema de grande valor ecológico e econômico, também é local de reconhecida exploração (humana, econômica e de destruição ambiental) e sanciona a análise do espaço literário e imagético em Roger Mello.

Através do espaço retratado nesta obra, pela imagem e pelo texto verbal, é possível representar o contexto histórico, social, político, econômico, ideológico, etc., tendo em vista que a produção artística e seus autores não podem ser deslocados do tempo em que se inserem. Retratados e observador constituem, portanto, a identidade dos sujeitos que compõem e pertencem a este espaço.

Segundo o próprio Roger Mello, em entrevista concedida no livro *Traço e Prosa*, o espaço do mangue sempre foi uma mania e “um amor maior que o mar”. Por ocasião da filmagem de um documentário sobre o ciclo do caranguejo em Recife, prestou atenção nas crianças do local enquanto ia criando colagens de textos e imagens na memória. Ele testemunha que se interessava pelo prosaico, pelo dia a dia daqueles moradores que ignoravam as mazelas, recusando-se a de lá sair, e também pela imagem sedutora e emaranhada das cores, caranguejos e meninos brincando. A ele

---

<sup>2</sup> IBBY – International Board on Books for Young People

também impressiona a quantidade de lixo trazido pelas águas e como isso desenhava em sua mente uma arte plástica contemporânea e a abordagem gráfica e simbólica. Percebe-se, portanto, que as imagens criavam um cenário abstrato. Segundo ele, era também “ (...) uma abordagem do objeto que respira. É um trabalho com o substrato, com o suporte”. (MORAES, HANNING e. PARAGUASSU, 2012:212-213)

A obra em análise, *Meninos do Mangue*, apresenta citação de uma estrofe do poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto como epígrafe. Neste fragmento, o eu lírico identifica o espaço ocupado pelas crianças que vivem nos mangues, comparando-as às espécies da fauna nativa da região, como aratus e anfíbios, e enfatizando a lama, característica do ecossistema.

O livro apresenta duas narrativas intercaladas e dois narradores. O narrador em terceira pessoa da narrativa principal apresenta a história sobre a aposta entre a Preguiça e a Sorte. As outras narrativas que permeiam o enredo central são contadas pelo narrador-personagem Preguiça, em primeira pessoa. Ele conta à colega Sorte, como castigo por ter perdido a aposta entre elas. O espaço narrativo é o manguezal, seus personagens humanos, as atividades de trabalho ali realizadas, por crianças e adultos, mas também suas vivências de brincar, conviver e sobreviver.

As imagens, de autoria do próprio Roger Mello, também possuem duas perspectivas: uma, colorida, utilizando diversas técnicas de colagem e tinta acrílica, sobre fundo preto e que retratam o espaço do mangue e seus personagens, num caos que ocupa página inteira, sem delimitações claras dos componentes do cenário e de início e término do tempo/espaço; a outra apresenta ilustrações com linhas bem nítidas, nas cores preto e vermelho sobre fundo creme, expondo uma organização objetiva. São ilustrações menores que focalizam a Sorte e a Preguiça do ponto de vista do narrador em terceira pessoa.

As histórias encaixadas na narrativa principal apresentam subtítulos e narrador em primeira pessoa sendo encerradas com uma ilustração dos dois siris apostados pela Sorte e pela Preguiça, um de oito patas e outro de nove. A forma de representação dos espaços imagéticos e verbais são distintos, mas procuram enfatizar toda a vastidão deste ecossistema e também a sensação de falta de locomoção ou possibilidade de fuga deste espaço, o que o torna claustrofóbico ao leitor.

Outra forma de representação e valorização do espaço na narrativa está na divisão do livro, indicado em um sumário, diagramação pouco comum em uma narrativa Infantojuvenil. A narrativa se divide em “Maré alta”, “Maré baixa” e “Posfácio”. O Posfácio, localizado posteriormente a uma página ilustrada com giz branco em fundo preto, representando desenhos de personagens interagindo com o mangue apresenta o depoimento de Adolfo Lachtermacher, cineasta que produziu um filme, sobre uma das obras de Roger Mello (Cavanhada de Pirenópolis, 1997) e também um comentário sobre o cenário dos mangues pelo próprio autor. Desta forma, o Posfácio é uma ampliação dos conhecimentos sobre o ambiente retratado na narrativa-imagética. Nesta obra, o manguezal é a “casa” dos personagens, portanto, espaço de identidade

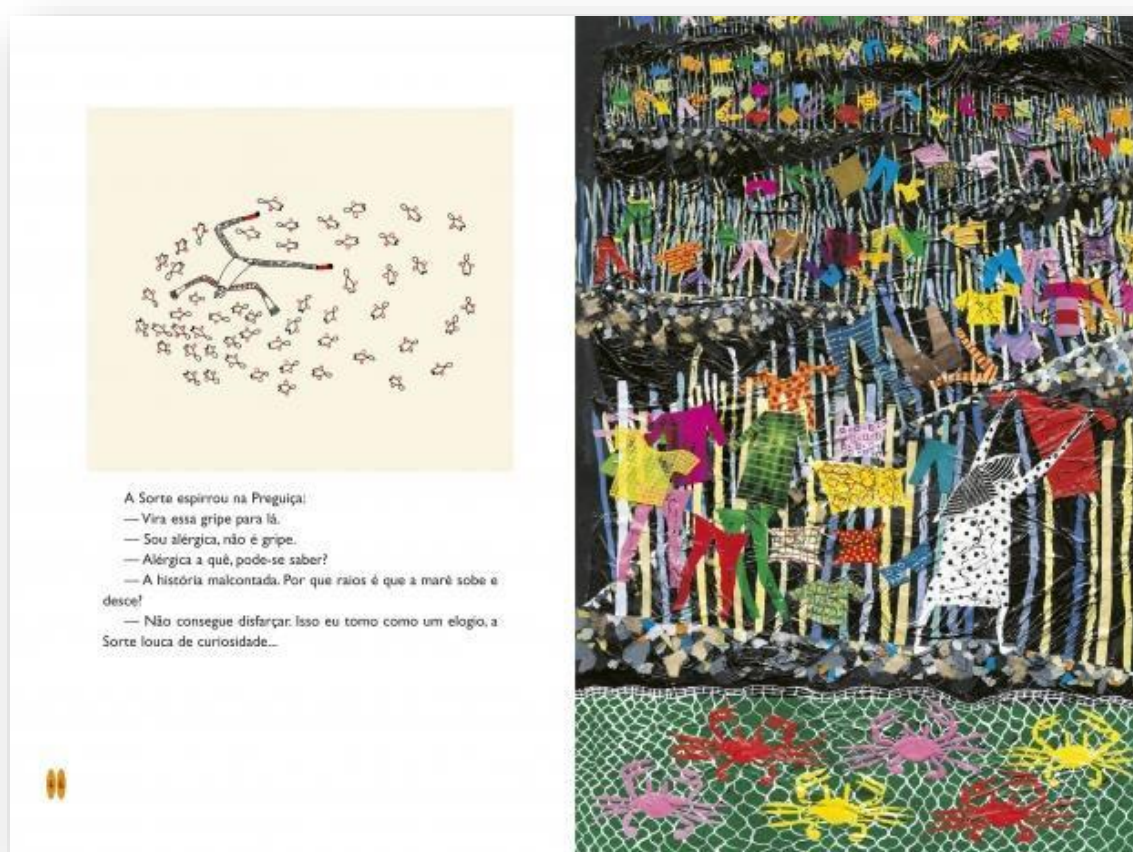


Figura 1: MELLO, 2012:46-47

Segundo Motta e Busato (2010:7), o conceito de espaço na literatura contemporânea ultrapassa a acepção de categoria estrutural. “O próprio texto como um espaço espacializante, na sua textualidade como corpo ou na visualidade da escrita, configura um espaço de linguagem”. No livro-ilustrado, particularmente os

dirigidos ao público Infantojuvenil, as editoras atestam com suas publicações, uma variedade de projetos gráficos, formatos, composição, escolhas de técnicas de ilustração e exigências ligadas à fabricação e comercialização, o que transforma a materialidade do livro também em uma espécie de espaço ocupado de intencionalidade e influência na leitura.

Sabendo que há envolvimento de diferentes “produtores” na concepção do texto literário, que extrapolam a narrativa (escritor-autoria), incorporando a própria materialidade do livro e os recursos plásticos, códigos gráficos ou icônicos, faz-se importante entender como a narrativa ilustrada por Roger Mello apresenta e representa o espaço nesta obra e qual as características literárias configuram a identidade do mangue.

Sabe-se que o espaço retratado no texto e nas imagens também ajudam na caracterização dos personagens; no entanto, eles se apresentam desfocados, emaranhados. Temos ainda narradores que são seres inanimados e que não apresentam nenhum julgamento de valor, pois suas perspectivas dos fatos e conflitos são imparciais; mas representam uma comunidade palpável, plena de cultura e interação.

Dada a quantidade de referências espaciais presentes na narrativa, o que indicam uma importância quanto à estrutura literária, o mangue tem função simbólica, pois seu valor transcende a objetividade da história. O ambiente retratado diz mais do que representam os textos e imagens. Nesta perspectiva, o espaço pode ser “um instrumento de análise para a alma humana”. (BACHELARD, 2008: 20).

Este fato é ratificado em diferentes histórias e personagens envolvendo a comunidade local e o cotidiano social e cultural deflagrado pelo narrador-personagem Preguiça. Alguns exemplos: seu Potó na história *Os dezesseis caranguejos*: “Um avaro pensando que era homem de sorte” (MELLO, 2012:18) e; *História à toa, sem importância*: Zecão, além de mais velho era mais forte, e o mais forte quase sempre tem mais sorte” (MELLO, 2012: 34)

### 3 O ESPAÇO ATRAVÉS DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Extrapolando-se o cânone que prevê o espaço como um dos elementos narrativos, não é intenção desta monografia demonstrar posições teóricas e críticas literárias em relação a este conceito, como realizou Luis Alberto Brandão (2013), em seu livro *Teoria do Espaço Literário* (2013). Para o autor, o conceito de espaço foi abordado na teoria literária pelo formalismo, chegando à estética da recepção e abordagens culturalistas. Há uma prospecção histórica, filosófica e epistemológica do emprego do espaço em diferentes áreas do conhecimento, como a literatura, os estudos literários, a física, o urbanismo, a filosofia, a semiótica, a geografia e a teoria da arte. Brandão (2013) expõe sobre o esforço fenomenológico de Gaston Bachelard e o espaço como imagem arquetípica; a compreensão política de Mikhail Bakhtin que vê o espaço como imagem histórica; e, por fim, o projeto intelectual de Walter Benjamin, onde o espaço é imagem dialética. Ele também sistematiza: "Para Henri Lefebvre, o espaço é concebido como produção social; para Roland Barthes, como sistema de linguagem; para Michel Foucault, segundo a diferença em relação aos espaços instituídos" (BRANDÃO, 2013: 78).

Apresenta-se aqui, portanto, alguns posicionamentos sobre o espaço literário, na forma verbal, que se vinculam em uma das inúmeras possibilidades na análise de *Meninos do Mangue*. Pensando na construção de identidade e interseção entre linguagem iconográfica e texto verbal, temos o que se denomina ambientação, próprio das narrativas imagéticas.

Não há radicalização entre as funções do espaço e da ambientação em livros ilustrados, mas a denominação pressupõe um sentido ampliado, pois ela pode ser transmitida por palavras, por ilustrações, ou por ambas.

A ambientação de um livro ilustrado estabelece a situação e a natureza do mundo onde ocorrem os eventos da história. Ao grau mais simples, ela comunica um sentido de tempo e lugar para as ações retratadas, mas pode ir muito além disso: de acordo com as expectativas que definem o gênero (conto de fadas, fantasia); na construção de um clima afetivo geral que influencia em como o leitor reage emocionalmente a determinado episódio (grotesco, nostálgico, cotidiano); no incentivo ao desenvolvimento do enredo por meio do contraste ou mudança drástica nas situações (em casa/distante da casa, cidade/campo, Guerra ou outro desastre); e no comentário sobre o personagem. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011:85).



Dado que a predominância do texto sobre a imagem inexistente, ou vice-versa, antes as possibilidades de leitura e análise implicam tanto a diagramação como o formato, a tipografia, as fontes, tipo de papel (especificidades do design do livro), arte e técnica mista e a diversidade da composição verbal de gêneros (narrativa principal, conto de encaixe, poema, sumário, posfácio), o espaço também é multifacetado, cabendo proposições diversificadas, que possam arejar diferentes perspectivas e articulação, tão próprios da literatura recente, particularmente da literatura Infantojuvenil.

As alterações de perspectivas ao leitor apresentam-se como janelas, ou portas, em que se passeia, percebendo o labirinto, ou não, dado que o olhar procura saídas, novas cores, narrativas que se fragmentam à medida deste caminho. O tempo deste impasse de possibilidades leva à retomada de ordem. Busca-se a rotina sequencial, tanto verbal quanto imagética. A tendência em formatar a linearidade narrativa faz com que se mantenha o diálogo, ou antes uma provocação de legitimação do texto-imagem por aquele que lê ou vê.

### 3.1 CONFIGURAÇÕES DO ESPAÇO/AMBIENTAÇÃO

Segundo Nikolajeva e Scott (2011:95-101) há livros complexos na interação do texto e da imagem. Eles criam uma relação múltipla e sofisticada, ampliando de forma realista ou simbólica a leitura, mas também, proporcionando cenários contrastantes ou que emolduram os elementos visuais.

Um exemplo deste aspecto pode ser apontado no fragmento da ilustração da capa do livro *Meninos do Manguê*, posteriormente reproduzida integralmente em página dupla (MELLO, 2012: 38-39).

Denominam-se paratextos os títulos, capas ou guardas dos livros ilustrados. Estes elementos contribuem para comunicar informações essenciais ou mesmo contradizer a narrativa, possibilitando o entendimento e mesmo para demonstrar a tensão entre palavra e imagem.

Na capa, tem-se a redução de uma imagem detalhada, emoldurada pela força da cor vermelha. Colagens geométricas causam estranheza pela força do caos. Em primeiro plano, casas e janelas: as cores claras representam pontos de luz —

moradores estão em casa, o tempo marcado pela noite: há também janelas sem grades, sem luz. As casas superiores parecem ter contato com o mundo externo: visualiza-se antenas parabólicas, alguns rostos disformes apresentam personagens anônimos e há roupas que balançam ao vento secando no varal; outras casas possuem janelas que emolduram o vazio negro. No centro esquerdo, observa-se uma casa residencial possuidora de placa comercial que divulga a venda de caranguejos.



Figura 2: MELLO, 2012: capa

As casas retratadas apresentam-se altas, conforme sugestão visual em primeiro plano no superior da imagem. Quando o olhar abaixa, atingindo o plano inferior, percebe-se que as casas são de palafitas, de estrutura enganosamente frágil. Apesar da altura, o lixo camuflado na água é visível e os barcos navegam sobre o mar de sujeira.

O vocábulo *meninos* é inserido à direita, no canto superior. A letra inicial está em negrito: não há meninos representados explicitamente nas ilustrações. O verbal garante que eles estejam ali, apesar de invisíveis. A locução adjetiva *do mangue*, reforça a consoante “m”, sugerindo tratar de um mesmo grupo. Também há um reforço da margem trajada e larga; sem centralização, configura-se o mangue e a representação visual para os meninos àqueles que vivem de escanteio, quase que perdidos no caos. As roupas são como bandeirolas, uma festa, a razão, a cultura. A natureza, na parte inferior, subjugada pelo homem que usufrui do mangue, o consome, o polui. O espaço aqui se relaciona ao ponto de apoio dos personagens anônimos, dão realidade e verossimilhança aos fatos.



Figura 3: MELLO, 2012:38-39

A página dupla não apresenta texto verbal, mas dispõe aleatoriamente dos elementos de apoio à vivência humana. É um campo em que o autor privilegia os registros do meio familiar, social e econômico. A configuração da imagem convida o leitor a entrar no cenário como um todo.

Ao adentrar o espaço social, não há como fugir: há padrões, organização espacial no caótico mangue: cores, estruturas geométricas e esquemas. E se deveria ser um espaço natural, não modificado pelo homem, só se percebe a interferência, o espaço social em que os elementos da natureza são modificados pela transformação humana. Há a conotação simbólica, pois, a página demarca o início do capítulo intitulado *Maré baixa*. É uma ruptura narrativa importante, desacelera-se a ação; haverá mudança de perspectiva e a recepção dos sentidos do leitor pode perceber o conflito interferindo no roteiro narrativo. A conotação desta representação espacial ultrapassa a sequência narrativa linear. Comprova-se aqui a junção do espaço geográfico com o espaço-tempo, com enfoque na linguagem visual e simbólica.

### 3.2 O ESPAÇO COMO PAISAGEM E A CONFIGURAÇÃO DE IDENTIDADE

Os elementos que configuram capa e página dupla analisada também remetem ao cotidiano e ao trabalho da população do mangue, pois representam imagetivamente um lugar onde se consolida uma identidade. O artigo de Ana Lucy Freire (2014:2) identifica e analisa as dinâmicas sociais do lazer e da economia de famílias que exploram o mangue em praias de Vitória, no Espírito Santo. Segundo ela, “o viver e trabalhar nesses lugares possibilita desenvolver e consolidar uma identidade cultural baseada nas relações entre o morador e o mangue”.

Para representar as interações do espaço do mangue e seus moradores, escolheu-se uma das histórias do narrador-personagem *Preguiça*. A ilustração delimitada (MELLO, 2012:54) representa um momento de puro deleite e descanso das Marias Catadoras, título do conto (p. 51-55).

Roger Mello já testemunhou que gosta de provocar com a palavra e a imagem. Para ele, “palavra e imagem são a mesma coisa”, mas paradoxalmente ressalta:



Elas também são distintas e complementares. Elas não são necessariamente complementares porque uma pode existir sem a outra. A imagem está na origem das palavras, a palavra produz imagens, é uma cobra que morde o próprio rabo. (Traço e prosa, 2012: 218)

Marias Catadoras traduz este paradoxo. As personagens citadas são anônimas. Apesar dos nomes compostos, que supostamente as diferenciam umas das outras e as individualizam, parecem perdidas na multidão de tantas outras. Sobre elas, tantas imagens se sobrepõem, pois na sociedade do manguezal a captura de peixes em alto-mar é a que importa. A formação de pescadores privilegia a identidade masculina. Segundo Denise Machado (2007), quando “(...) uma mulher pesca, ela o faz desenvolvendo a chamada pesca pequena, ou pesca da beira”. A clandestinidade da ação das catadoras em *Meninos do Mangue* transita na linguagem verbal: “Maria Dora, Maria Cristina, Maria dos Anjos, Maria da Ajuda e Daiane Maria saíram mais ou menos àquela hora, quase noite” (MELLO, 2012:51).

A alegórica personagem Preguiça se passa por uma das tias, Aurelina, que é muda e acompanha o cortejo. Nota-se que ela não é mesmo Maria, não é esta sua alcunha, portanto, o verbal denuncia sua condição de estrangeira, fora da comunidade. Cada uma delas desempenha uma função, ocupa um espaço, uma identidade como mulher, uma posição social e familiar, uma faixa etária.

Maria, Maria, Maria, Maria, Maria e eu estávamos a caminho de um depósito de gravetos. Maria Dora levava um facão. Maria Cristina trouxe um pote fundo. Maria dos Anjos vinha agarrada a um vasilhame cor-de-rosa. Daiane Maria enrolava o cabelo e Maria da Ajuda me empurrava. Maria dos Anjos era irmã de Maria Cristina que era mãe de Maria da Ajuda e Daiane Maria. Ninguém era parente de Maria Dora, que ainda tinha o respeito de todas, não só pelos cabelos brancos, mas por conhecer como ninguém os segredos daquilo que iríamos fazer. Complicado, não é? Eu, que estava lá, não entendia nada. (MELLO, 2012:51)

Para contar esta história, *Preguiça* se anula (perde a voz), privilegiando o espaço dos sujeitos Maria, e desta forma as constitui, dá-lhes a imagem corpórea, conta suas histórias e as tira do anonimato social. Segundo Moreno (2014: 8):

Os diversos sujeitos sociais conduzem suas experiências por representações – atribuídas, auto atribuídas e compartilhadas – a respeito de quem são e de quem podem ou desejam ser. Essencialmente conflitiva, envolvendo interação social, afetos, autoestima e jogos de poder, a identidade é uma categoria social discursivamente construída, expressa e percebida por diferentes linguagens: escritas, corporais, gestuais, imagéticas, midiáticas. Mais incisivamente do que a noção de cultura, a identidade implica a produção de discursos portadores de signos de identificação.

Ao se auto atribuir neste espaço feminino, Preguiça constitui uma denúncia — ultrapassa a observação para ser o guia dos cegos, que não conseguem se representar. O filósofo Gaston Bachelard (2008: 341-507) apresenta um estudo sobre as descrições do espaço na literatura e como elas deflagram o inconsciente humano. O narrador, explicitamente ou não, apresenta um ponto de vista ou focalização, tendo como referentes o espaço, os seres ou as coisas que a personagem abarca em sua visão. De forma a tornar a narrativa verossímil, o autor pode centrar a descrição de uma personagem e se utilizar de diferentes recursos em sua diátese, como a luminosidade ou a adequação do ângulo de visão que deseja direcionar.

Os diferentes recursos utilizados por Roger Mello permitem acompanhar a subjetividade e intencionalidade narrativa, mas também propõem liberdade ao leitor, que, pode ser consciente ou não, de este percurso.

O narrador-personagem Preguiça se apropria de diversos elementos narrativos, mas quando se transforma em observador, direciona o olhar para as anônimas Marias e produz um discurso que as identifica.

Em *Outros Espaços*, texto de Michael Foucault (2001), proferido na conferência no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de março de 1967, o filósofo elabora o conceito geográfico *heterotopia* que descreve lugares e espaços com múltiplas camadas de significação ou das relações entre outros lugares complexos não percebidos à primeira vista. Paradoxalmente, é a Preguiça, com sua indolência e falta de iniciativa, quem exerce o laborar. Ela apresenta o espaço do mangue e gera a sequência narrativa. O caótico e complexo mangue possui inúmeras camadas, que o narrador-personagem delimita e descortina aos olhos do leitor.

A ilustração deste conto expõe as Marias em uma troca de papéis significativa. Entre as raízes do manguezal, representando o espaço natural e as palafitas que sustentam as casas sobre as águas, elas demarcam o espaço social, modificado pela técnica e interferência do homem, as Marias descansam, brincam parlendas de escolha e recitam poema.

Pernas que são raízes, palafitas, sustento e comunhão, as Marias permitem a vaidade e cantam, intercalando músicas folclóricas e populares, como a do cantor Roberto Carlos.



Figura 4: MELLO, 2012:54

Neste emaranhado, a linguagem verbal explicita a imagem iconográfica; são elas, as Marias, as “sereias do mangue” (MELLO, 2012: 53):

De cantiga em cantiga, já entravam na dança mouros a cavalo, cartas de França e as tranças da rainha, tatus e piratas, cheganças, raposa e galinha, amores tristes de margar, rodas de caminhão, lavadeiras, peixinhos do mar.

Segundo Jean Carlos Moreno (2014:8), o discurso pode organizar a diferença, “produzindo identidades que se consolidam em processos sociais e se expressam por meio de ações simbólicas, textos e contextos”. Tem-se novamente a Preguiça expondo uma faceta oculta de identidade pertencente ao manguezal – as tantas Marias que, como ela, possuem uma “lista interminável de tarefas”.

É preciso lembrar que Preguiça, por perder a aposta com a Sorte, tem que contar histórias. Para colher este pedágio, ela parte para a ação na narrativa, ela se posiciona. A Sorte não conta, ela espera, não age. Quem apresenta a voz do Manguezal é a alegoria da Preguiça, processo de identidade do mangue. Mas não há indolência, antes se observa que entre idas e vindas, a mobilidade se dá pelo narrador. Enquanto personagem expõe a identificação e a razão, mas deixa em aberto para não ceder aos caprichos do caos do espaço do mangue.

As ilustrações de Mello em *Meninos do Mangue* identificam dois planos da história contada. No conto *Marias Catadoras*, a narrativa encerra-se com o espaço pragmático, alterando a ação dos personagens, criando uma atmosfera propícia para sanar o conflito. As Marias retomam ao curso de identidade sucumbida no mangue e a Preguiça transcende, alterando o que se pode ver das personagens para o espaço simbólico. A existência delas é quase um sonho, que a Preguiça materializa quando reconta a história para a Sorte.

A convergência iconográfica é precisa. Há imagem, de página inteira, colorida e plena de humanos Marias, perfeitamente incorporados à natureza, utilizando as raízes do mangue como sofás, interagindo com naturalidade ao espaço (p. 54). Na página seguinte, um terço de texto, que se inicia com a pergunta da Preguiça ao interlocutor (leitor) “Acredita nisso? Corri em desespero, de raiz em raiz, atrás das iscas” (MELLO, 2012: 55).

A Preguiça entrega mais uma história. As iscas representam o alimento que vai possibilitar pescar. Pescar tem a conotação de trazer novas visões do mangue, espaço de identidade direcionado à luz, ao exterior, de forma a ser tangível ao interlocutor, tanto os humanos, quanto o espaço; a palavra e a ação representadas pelas imagens.



O terceiro elemento destas páginas é a ilustração mais clara, menor (MELLO, 2012: 55), apresentada em traços organizados e precisos. O fundo claro retira a confusão e colorido do espaço do mangue. A Preguiça é uma figura alegórica, e como tal, transita em mundos imprecisos, aleatórios, onipresente em todos eles e, portanto, plural a todos os humanos. Raízes do mangue, ou palafitas, a Preguiça se torna parte da paisagem, de qualquer parte dela. Pontua, deste modo, iconograficamente, que quem produz a identidade local é a contextualização dos seres humanos, daqueles que constituem e singularizam o espaço.

As pernas da *Preguiça* são as raízes, ou seriam as palafitas que trazem a casa dos moradores do mangue (noção de sujeito) ao espaço real. A preguiça deixa de ser uma Maria, observadora, personagem falsa que se insere para entender o contexto da história e sai discretamente do ambiente: “Quanto a mim? Procurando iscas a noite inteira, mais um item na lista interminável de tarefas da Preguiça”.

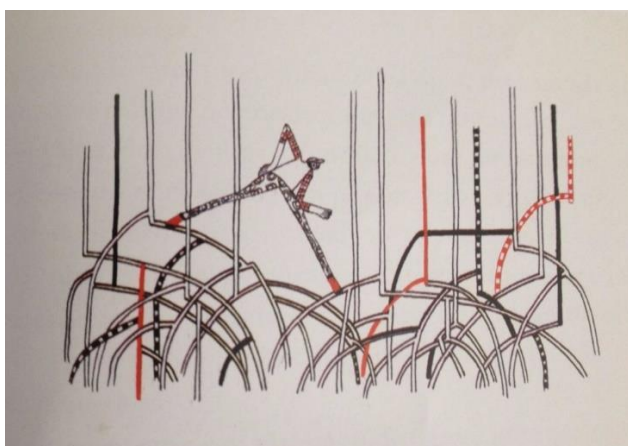


Figura 5: MELLO 2012:55

#### 4 AS CONVERGÊNCIAS EM *MENINOS DO MANGUE*

Roger Mello expõe sobre a hibridização da linguagem literária no livro *Infantojuvenil atual*. Para ele, não há de se refletir os conceitos e delimitações, mas em pensar o percurso de leitura escolhido pelo leitor. É ele, o leitor, quem introduz o tempo, sendo que a palavra “é um objeto que não obstrui, projeta”. Desta forma, enquanto a imagem e a palavra são bidimensionais, a “leitura é tridimensional, pluridimensional”.

Apesar da responsabilidade de conversão da linguagem estar nas mãos, peritas ou não, de cada leitor, a experiência dos autores, ilustradores e editoras podem conduzir maneiras de olhar e compreender a proposta do livro. Tanto imagem quanto palavra podem ampliar ou reduzir o percurso do leitor. Os livros ilustrados trabalham a perspectiva da arte em dois níveis de comunicação, a visual e a verbal, portanto são utilizados signos que carregam alto grau de significação.

Sobre a convergência de livros que trabalham imagem e texto, Nikolajeva e Scott (2011:20-23) fazem um levantamento histórico das tentativas de classificação de tipologias que influenciam na forma de recepção destes livros. *Meninos do Manguê* pode ser classificado como livro ilustrado, ou seja, texto e imagem são igualmente importantes. Segundo as autoras, Kristin Hallberg explica que se trata de um iconotexto: “uma entidade indissociável de palavra e imagem, que cooperam para transmitir uma mensagem”.

Na análise de *Meninos do Manguê*, convém compreender como acontecem as interações entre a narrativa em aspecto visual-verbal, de forma que eles apresentam significado em diferentes níveis e convergem para ampliação dos sentidos através de paradoxos pautados no espaço.

Enquanto a imagem propõe e enfatiza a realidade sociocultural do cenário do manguê, demonstrando um espaço fotográfico, o verbal ficcionaliza situações cotidianas, incorporando as alegorias como personagens principais.

No entanto, é possível perceber nas imagens sobreposições importantes, também metafóricas. Por outro lado, linguisticamente há diálogos e frases curtas, enredo objetivo, uso ponderado de adjetivos ou figuras estilísticas, deixando a complexidade para os elementos estruturais: mescla de gêneros, rupturas e retomadas iconográficas.

A folha de rosto de *Meninos do Manguê* (MELLO, 2012: 2-3) propõe outra interação que identifica a convergência indicada. Ilustrações simples, com figuras humanas pescando, cavando ou carregando o produto de seu trabalho, siris e caranguejos ou raízes de manguê, e fontes verbais brancas sobre fundo negro requerem uma atenção demorada. O texto em si converge em imagem: título, autoria e editora, e vice-versa.



Figura 6: MELLO, 2012:2-3.

Reproduzir a sequência de uma das histórias contadas pela Preguiça exemplifica outro paradoxo de redução e ampliação de significados propostos pela imagem e pelas palavras. Antes da contação, a Sorte e a Preguiça estão tendo seu estranho diálogo ambientado na narrativa principal.

(...)

- Ainda faltam sete histórias, mas de você preferir podemos deixar para depois e levar os siris para cozinhar.
- O balde deu uma tremidinha nesse momento.
- Primeiro as histórias, Preguiça.
- Muito bem, você sabe o que é aratu?

MELLO, 2012:19

O diálogo não apresenta complexidade de vocabulário, sendo que a indagação da Preguiça cria a expectativa de mudança de foco narrativo e direciona o leitor para a mudança de página. Ele é impelido para fora do cenário: tanto na ação concreta de virar a página, como mental, ao recorrer à memória como forma de buscar o significado da palavra explícita e questionada.

A página sequencial é dupla (p. 20-21), com texto corrido, e traz a retomada da pergunta como título da narrativa, no entanto, altera a fonte padrão para outra, mais desenhada, quase manual. Alterna-se também o espaço ocupado pelo narrador que passa de terceira para primeira pessoa. Há redundâncias na explicação à pergunta, quebrando a sequência narrativa e criando imagens mentais fragmentadas do enredo.

## VOCÊ SABE O QUE É ARATU?

Vi um aratu preso na ponta de um barbante (aratu é um caranguejo vermelho que sobe em madeira).

Vi um aratu preso na ponta de um barbante amarrado numa vareta (aratu é um caranguejo vermelho que sobe e madeira e é difícil de se pegar). Pois então, vi um aratu preso na ponta de um barbante, amarrado numa vareta que estava na mão de Josimar (aratu é um caranguejo vermelho que sobe em madeira e é difícil de se pegar, mas nem tanto, porque o Josimar pegou).

MELLO, 2012: 20

Pode se verificar na narração da Preguiça uma explicação do termo aratu em uma gradação – “aratu é um caranguejo vermelho que sobe em madeira” – e repetição – “aratu é um caranguejo vermelho que sobe em madeira e é difícil de se pegar” – que amplia o significado do substantivo, antecipando a própria narrativa.

Quase terminando a história da Preguiça, Dona Coisinha ameniza a situação da perda do aratu da sorte de Josimar:

Dona Coisinha:

- Um aratu igual aos outros, estão aos bandos por aí.
- O meu era diferente!

MELLO, 2012:21

Nova virada de página e o leitor recebe a imagem de página inteira, impactado por crianças brincando na lama. Os aratus vermelhos se perdem nas cores das roupas, insignificantes. O espaço social interfere no espaço natural: o ser humano se equipara e perde sua individualidade tornando-se bando. A linguagem imagética tem conotação simbólica e ultrapassa a objetividade da história.



Figura 7: MELLO, 2012:22

A página seguinte retoma a voz da Preguiça (MELLO, 2012: 23): “O bando corria atrás do menino maior, que encontrou um robô de brinquedo no monte de lixo”. O leitor, entretanto, não encontrará o “robô supersônico” que “acendia luzinha e tudo!”. O texto verbal sintetiza imagem e verbo, convergindo significados: “Aratus e meninos cobertos de lama fazem a festa”. O espaço se mescla, as narrativas de encaixe se complementam, metáfora da própria identidade do mangue, simbiose de vida, sobrevivência e lixo.

Em *Meninos do mangue* as situações de convergência e contrastes entre imagem e verbo são uma constante. A alternância entre planos é múltipla e amplia a ambientação de forma complexa. Sobre esta característica no livro ilustrado, Nikolajeva e Scott explicam:

O texto visual deste tipo de livro é naturalmente adequado à descrição de dimensões espaciais, incluindo cenas internas como paisagens externas, as mútuas relações espaciais entre corpos e objetos, o tamanho relativo deles, a posição e assim por diante. (NIKOLAJEVA, SCOTT, 2011:85)

Roger Mello se utiliza da linguagem verbal como forma de aproximação, buscando intimidade com o interlocutor. Alternando os recursos plásticos engendrados na narrativa, apela aos códigos icônicos ou gráficos de forma explícita, tornando o livro um espaço experimental. As técnicas do escritor-ilustrador são explicitadas por ele mesmo:

Queria que a influência das artes plásticas participasse nesse livro. E aí eu comecei a colar, experimentar, sobrepor, rasgar os pedaços de plástico, colar no papel com cola branca mesmo, cola PVA e foi funcionando, fui pintando por cima. (Traço e prosa, 2012: 212).

Sobre as convergências, Santaella discursa sobre a comunicação digital e as artes interativas (2008:59-68). Ela tenta sistematizar o seu acompanhamento do que chama “campos sem fronteiras das atividades artísticas”. Além das habilidades necessárias para utilizar-se das tecnologias, o artista realiza interfaces no trinômio da arte, da ciência e da tecnologia.

Quando surgem novos suportes e recursos técnicos, são eles que sempre tomam a dianteira na exploração das possibilidades que se abrem para a criação. [...] São os artistas que sinalizam as rotas para a adaptação humana às novas paisagens a serem habitadas pela sensibilidade. (SANTAELLA, 2008:67)

Para Santaella (2008), o artista contemporâneo envia sinais criadores que dialogam com as matrizes da linguagem e do pensamento de forma a propiciar o enriquecimento do ser humano.

No conto “Eu andando com um punhado de tripas”, popularmente conhecido por lenga-lenga ou narrativa acumulativa, percebe-se a sonoridade ritmada das palavras, ora apressando, ora pausando a leitura, convidando o leitor a ler em voz alta dada a musicalidade presente. Tem-se, portanto, a ampliação dos sentidos verbalmente: som e movimento. O recurso é reforçado pelo visual: cores e movimento dos personagens em jogo de trilha, alternando humanos e animais em longas passadas intensificam a ideia de mesclagem simbiótica do mangue. (MELLO, 2012: 57-59).



Figura 8: MELLO, 2012: 58

Como se pode observar nesta análise, Roger Mello explora os recursos técnicos da infoera tanto na linguagem verbal quanto na imagética, de forma que o real converge para a ficção, a imagem para o texto verbal e o espaço para a identidade do mangue.

## 5 AS INTERAÇÕES DA LINGUAGEM ICONOGRÁFICA E VERBAL: ESPAÇO E IDENTIDADE

Roger Mello transcende o *tópus* grego: o mangue não é toponímia, cenário, verossimilhança. O livro Infantojuvenil ilustrado *Meninos do mangue* não carece de simples análise pautada em levantamento bibliográfico sobre o espaço e todos os

autores que tratam do tema na crítica literária ao longo da história. Os diferentes recursos estilísticos e artísticos do escritor-ilustrador impedem que se delimite as múltiplas possibilidades do escopo neste trabalho. A convergência entre imagem e texto verbal é marcada pela característica própria do gênero e o manguezal é geograficamente marcado como um ecossistema costeiro, de transição entre ambiente terrestre e marinho. De flora e fauna estudada, a paisagem do mangue, por si só, é contraditória e convergente ao mesmo tempo: água doce e salgada convivem, raízes aéreas também.

O livro objeto deste estudo – *Meninos do Mangue* – traz em sua capa outra importante condição de estudo. Segundo Nikolajeva e Scott (2011:309), os títulos “são parte importante do texto como entidade, e muitos estudos empíricos mostram que jovens leitores frequentemente escolhem (ou rejeitam) livros por causa deles. Esta identificação se apresenta ao jovem leitor no destaque ao substantivo *meninos*, localizado na parte superior do livro. Há também a generalização do plural, o que especifica a condição do social, próprio da convivência entre os seres. Na parte inferior da capa, a locução adjetiva “do mangue” especifica o cenário onde se insere esta sociedade. Temos, portanto, espaço e identidade convergindo em imagem e texto verbal.

No Posfácio de *Meninos do Mangue* (2012:66-68), o cineasta e diretor Adolfo Lachtermacher conta a produção do livro de Mello em sua ideia origem, do encontro de ambos em Recife, para a locação do filme “O ciclo do caranguejo”, nos mangues urbanos daquela cidade. Segundo Lachtermacher, Roger Mello viu e ouviu, passou às “mãos que criam textos desenhando”, além de incorporar à narrativa suas observações de outros contextos brasileiros. As convergências não pararam nesta transposição:

Ponte cheia de desvios, com caminhos que passam pela poesia de João Cabral de Melo Neto, cruzam com a cultura dos imigrantes do sertão, eternos fugitivos da seca, e convergem com os novos sons lançados pelo manguebit e suas repercussões em todo o mundo das artes.

Adolfo Lachtermacher, *in* MELLO, 2012: 69

Nikolajeva e Scott (2008:85) consideram que o livro ilustrado demonstra com eficácia as diferenças entre mimese e diegese, além de ser mais eficiente em dar liberdade ao leitor.

Enquanto as palavras podem apenas *descrever* o espaço, as imagens podem efetivamente *mostrá-lo* (...). Na teoria narrativa, a descrição é um dos sinais da presença do narrador no texto. O narrador verbal força o leitor a “ver” certos detalhes do cenário, ao mesmo tempo que ignora outros. A representação visual do cenário é “inenarrada” e, por isso, não manipuladora, dando ao leitor considerável liberdade de interpretação.

NIKOLAJEVA, SCOTT, 2008:85

Roger Mello nos conta que passou dezoito meses escrevendo e “limpando” imagem e texto de forma a não inserir “as mazelas das pessoas que catam e pescam” (Traço e prosa, 2012: 213). Este cuidado na preservação da identidade e a negação em manter um olhar subserviente para com o mangue são ratificados nas representações visuais e verbais presentes no livro.

Mello finaliza o livro com uma explicação sobre o complexo ecossistema sócio-cultural-econômico do espaço. De forma objetiva, como um documentário, explicita fatos do dia a dia daquela sociedade. Nos dois últimos parágrafos, ele se deixa escorregar nos manguezais; como um lapso, indica a fragilidade ambiental e o perigo que o despejo do lixo acarreta ao sustento dos moradores. Ele também reverencia as crianças do mangue, que lhe inspiraram a história: os meninos do mangue são também esteio, em simbiose perfeita com os moradores naturais, os caranguejos, fonte de alimento e lazer. Animais e humanos convergem neste espaço: “multidões de caranguejinhos se comunicam acenando com suas grandes pinças sobre a mala escura e limpa, ou nos amontoados de lixo”; “Todas as crianças de todos os mangues, sem a menor cerimônia, fazem destes guardiães da maré o seu brinquedo favorito”. (MELLO, 2012:70).

Segundo Reis e Lopes (1988: 204), o espaço configura-se em categoria narrativa de importância, “não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam”. Desta forma, amplia-se a concepção da representatividade

No escopo deste trabalho, foi possível investigar como o texto verbal e imagético em *Meninos do Mangue*, de Roger Melo, uniu as configurações mínimas do espaço e dos personagens principais do enredo, Sorte e Preguiça, pois são também elas que, simbolicamente, representam a identidade do manguezal. As representações verbais e iconográficas se mesclam para apresentar a diversidade presente neste habitat e suas nuances no agir de seus moradores. Há ironia e



contradições, porquanto, a Sorte perde para o agir consciente da Preguiça, que é quem tem a ação de forma a construir toda a narrativa.

O jogo semântico proporcionado amplia a configuração do espaço em que as personagens ocupam. Considerar a preguiça como o termo eufórico e a vitalidade como disfórico ressalta o absurdo da situação relatada. Em breve análise semiótica, ratifica-se o exposto, conforme configurado no Apêndice A, intitulado Análise Semiótica de *Meninos do Mangue*, Roger Mello, 2012, escopo deste trabalho.

Enquanto artista da palavra e da imagem, Roger Mello consegue apresentar a complexidade do mangue de forma a nos inserir naquele espaço; não como meros expectadores, mas em uma hiperpercepção sociocultural. Lotman (1978: 361) considera que as representações do espaço através dos textos artísticos, como a literatura e a pintura, são “modelos históricos e nacionais linguísticos” e “tornam-se a base organizadora da construção de uma ‘imagem de mundo’ - de um completo modelo ideológico, característico de um dado tipo de cultura”.

Através deste olhar sensível, Roger Mello nos apresenta uma obra em que as Interações das linguagens iconográficas e verbais projetam-se de forma a apresentar valores e significados do espaço a fim de se perceber que tal relação contribui para “alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (HALL, 2005:12).

Segundo José Carlos Reis, na introdução do livro *As identidades do Brasil* (1999), é necessário o efetivo distanciamento para compreender a história. Talvez seja isto que faz com que sejam usadas alegorias contraditórias para atemporizar o espaço do mangue. Em um mundo em transformação, a perspectiva contextualizada em *Meninos do mangue* faz com que a Preguiça se aproprie das histórias localizadas no espaço cenário e as eternize na ficção: o mangue torna-se identidade observável.

Imagem e verbo convergem. O espaço transcende, vira personagem. No espaço trans-real é possível extrapolar a mera descrição objetiva. Sobre seu livro, Roger Mello confirma o peso da identidade do manguezal: moradores, casas, mulheres e crianças, lixo e pesca, meninos e brincadeiras “Como num conto de fadas ao avesso, em que as raízes do mangue são também personagens. (*Traço e prosa*, 2012: 212)

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2a. ed. São Paulo: Martins Editora, 2008.
- BARBOSA, Sidney. BORGES FILHO, Ozires. **Poéticas do espaço literário**. São Paulo: Claraluz, 2009.
- BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CUNHA, Maria Zilda da. **Hibridismo, múltiplas linguagens literatura infantil e juvenil**. In: XI encontro regional da ABRALIC, 2007, São Paulo. Literaturas, Artes, Saberes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulinas/Humanitas, 2010.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos & Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.
- FREIRE, Ana Lucy Oliveira. **A paisagem na construção da identidade socioespacial: a praia e o mangue no cotidiano dos bairros do noroeste da cidade de Vitória (ES)**. 3º. Colóquio Ibero-americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. IPHAN/UFGM, 2014. Disponível em <http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/1.pdf>. Consulta em 20 abr 2016.
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- MACHADO, Denise. Catadoras de caranguejo e saberes tradicionais na **conservação de manguezais da Amazônia brasileira**. Rev. Estudos Feministas [online]. 2007, vol.15, n.2, pp.485-490. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200016>. Consulta em 10 mai 2016.
- MELLO, Roger. **Meninos do mangue**. Texto e ilustrações. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.
- MORAES, Odilon. HANNING, Rona. PARAGUASSU, Maurício. **Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis**. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p.6-12; p.200-221.

MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. *In*: RODRIGUES, Cristina Carneiro. LUCA, Tania Regina de. GUIMARÃES, Valéria. (Orgs.). **Identidades brasileiras**: composições e recomposições. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. *Desafios contemporâneos*

MOTTA, Sergio Vicente. BUSATO, Suzana. (Orgs.). Espaço em movimento: novas configurações. \_\_\_\_\_. *In*: **Figurações contemporâneas do espaço na literatura**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

NIKOLAJEVA, Maria. SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Ieda (org.). **O que é qualidade em ilustrações no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SANTAELLA, LUCIA. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: sonora visual verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** 3ª. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. A descrição. *In* **Teoria da Literatura**. 8a. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 2002. Volume 1 – p. 740-745.

## APÊNDICE A

### Análise Semiótica de *Meninos do Mangue*, Roger Mello, 2012

